

11

76

8

DIRECTOR
ARMANDO
VIEIRA
PINTO

Movimento

QUINZENARIO
— CINE —
MATOGRAFICO


1\$5



CINÉFILOS



com a saída do próximo
número começaremos
a distribuição dos bilhe-
tes para a nossa festa.

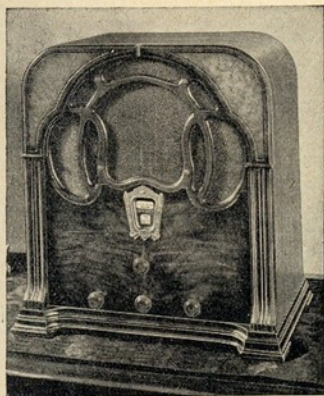


Aqui está... O mais recente e notável receptor Radio Telefonico!...

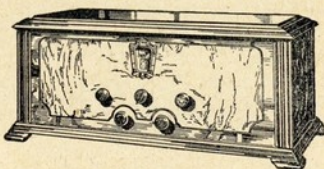
A CASA FORTE tem a honra
de apresentar a V. Ex.^{as} alguns dos
modêlos «Crosley» para 1934



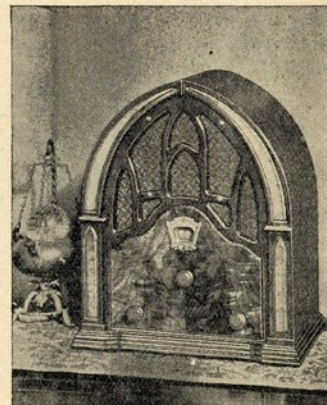
ADAGIO—Radio Gramofone, Motor duas velocidades, onda média, 7 lâmpadas. Esc. 4.000\$00



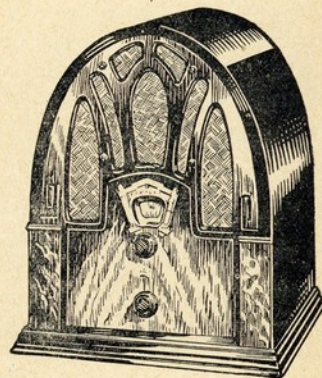
MAYOR—Onda média, 9 lâmpadas, amplificação classe B. Esc. 3.200\$00.



SECRETARY—Todas as ondas de 12 a 600 metros, 2 alto falantes, sintonia automática. Esc. 3.900\$00



SEPTET—D—Onda curta e média, 7 lâmpadas. Esc. 2.400\$00



FIVER—D—Onda curta e média, 5 lâmpadas. Esc. 1.500\$00.

C R O S L E Y — R A D I O

A VOZ DO MUNDO

Qualidade superior indiscutível

Sociedade Ibérica de Construções Electricas, L.^{da}

APRESENTA PARA A
TEMPORADA DE 1933-34



5 DRAMAS

Sinais de Alarme
A Ultima Acusação
O Desejo Infinito
Diabos com Sorte
A Incitação do Perigo

6 COMÉDIAS

Honrarás a teu Pai
O Passado de Mary Holmes
A Própria Culpa
A Verdade Semi-Nua
Só uma Mulher.
Duplo Sacrifício

3 FILMES POLICIAIS

Amanhã às sete
Segredo da Policia de Paris
O Mistério da Bolsa

1 OPERETA

Melodia Azul

1 FILME DE GANGSTERS

O Grande Cérebro

2 FILMES DE TERROR

O Malvado Zaroff
O Fantasma de Crestwood

Mas o grande sucesso da temporada será

“KING-KONG”

A exhibir brevemente no SÃO-JOÃO CINE desta cidade

ENTRE NÓS, QUE NINGUÉM NOS OUVÊ...

É perfeitamente incompreensível e injusta a má vontade que todos ou quasi todos os jornalistas profissionais dêste burgo nutrem contra nós. Essa má-vontade, é certo, não nos interessa, enquanto não seja manifestada por uma forma agressiva, incorrecta ou cretina que mereça lição e mereça castigo. De resto, nenhuma culpa nos cabe da sua existência. E a prova é que, nos dois únicos jornalistas profissionais com que temos convivido intimamente, Emilio Loubet e Silveira Freitas, o natural retraimento do princípio desapareceu, para dar lugar à mais franca amizade e à mais leal camaradagem. «Movimento» revista de amadores *que não desejam deixar de o ser*, nasceu do sonho colectivo de todos nós e agüenta-se pelo nosso próprio esforço, pelo nosso próprio trabalho, pela nossa própria energia, pela nossa própria perseverança. Os jornalistas profissionais tinham o dever de saber melhor que ninguém o que é necessário de coragem e quasi de temeridade para o empenhimento a que nos abalançamos, numa terra como a nossa e numa época como a actual. A prova de que sabemos *querer* e materialisar os nossos desejos ai está: «Movimento» apresenta-se limpa, moderna, bem ordenada, bem impressa, bem colaborada, independente e honesta. Que mais querem, como prova de que não somos imbecis nem paralíticos? Não sei. Apenas e definitivamente, sei isto... os factos que acabo de apontar conseguiram-nos, simultâneamente, a simpatia do público e a má-vontade dos nossos camaradas profissionais.

No que respeita à simpatia que o público nos tem dispensado, ela interessa-nos tanto que sem ela não poderíamos viver. Quanto à marcada antipatia que se vai manifestando por meio de conversas estereis à mesa de cafés e piadas cretinas em certos jornais não menos cretinos, essa, falo aqui a seu respeito apenas com o fim de a espicaçar um pouco. Compreende-se. Além do réclame absolutamente gratuito que nos faz, fornece-nos, quotidianamente, assunto farto ao riso e à *blague*.

E o riso é, incontestavelmente, uma coisa apreciável neste vale de lágrimas...

*

Cumprê-me agora dizer meia dúzia de palavras não menos francas e não menos verdadeiras àqueles jornalistas profissionais que fizeram do cinema a sua especialidade.

Creou-se a lenda de que, para escrever sobre filmes não interessava mais que saber como funcionam projectores e câmaras, como se regulam microfones, como se impressiona, se corta e se cola celuloide. Numa palavra: creou-se a lenda de que, para uma pessoa se considerar com o direito a criticar filmes bastava e era imprescindível conhecer-se o mecanismo da indústria cinematográfica.

Ora, a meu ver, esse conhecimento meramente material, nem é necessário nem suficiente, mais que para, de vez em quando «épater le bourgeois», ou, que o mesmo é, auto-armar-se uma pessoa em sabichão da Grécia e desatar muito pomposa e lindamente a dizer e a escrever tolices. Não, meus senhores! Para se falar de cinema, como de qualquer outra arte é necessário e suficiente, apenas isto: uma certa cultura geral, uma certa cultura artística, uma certa sensibilidade e um certo bom gosto. Mais nada! Simplesmente, essas coisas não se adquirem a ver filmes e a dormir em seguida uma soneca sobressaltada por sonhos com a Marlène ou com outra qualquer senhora, mais ou menos vamp, mais ou menos dotada de sex-appeal, mais ou menos apetecível ao temperamento de cada um.

*

Agora um pedido sinceramente feito ao público a quem interessa pouco ou muito a arte das imagens: comprem durante quinze dias a fio os três jornais diários da nossa terra e leiam com atenção o que ali se escreva a respeito de filmes. Façam em seguida exame de consciência. Procedam, depois, como entenderem.

armando vieira pinto

BEATRIZ COSTA, DISSE-NOS...

O palco do Sá da Bandeira em véspera de estreia. Ensaio: desarrumação, complicações, um barulho surdo e prolongado de colmeia em plena laboração. Artistas, jornalistas, amigos.....

Erico Braga, amabilíssimo, o gentleman de sempre, lá consegue dois minutos de liberdade para me apresentar. Um jornalista profissional apresentar-se-ia a si próprio. Eu, não. Questão de hábitos ou opiniões, de resto sem interesse.....

— O senhor Fulano.....

Beatriz Costa, amabilíssima, abrindo um largo sorriso de bôa rapariga, camarada, simpática e alegre:

— Do «Movimento»?

E juvenil, irrequieta, fogosa, é a primeira a falar:

— A sua revista é interessantíssima, cuidada, moderna..... Uma revista como as estrangeiras..... Gosto muito. A orientação independente e desassomburada traz-lhe dissabores? Não faça caso..... Era necessário alguém que dissesse as verdades, sinceramente.

Evidentemente as palavras de Beatriz Costa são-me agradáveis porque as sinto sinceras e porque — sem falsas modéstias — as reconheço justas. Mas assim mesmo tento interrompê-la. Impossível..... Quem teria coragem de interromper esta rapariga tam viva, tam expontânea, tam rapariga, enfim? Quem teria essa coragem? Eu não..... Deixá-lo. Não faz mal! A minha hora de ser preguntador, impertinente, indiscreto, há-de chegar.

Enquanto não chega, vou-me entretendo a olhá-la de perto. Em seu negro cabêlo pulido como um cristal da Boémia, a luz crua dos projectores e a luz febricitante das gambiarras põe cintilações e brilhos estranhos..... Suas expressões, seus tregeitos fisionómicos são os mesmos, exactamente, que no palco. Sua voz é a mesma, exactamente, que no palco. De onde se conclue ser a sua arte natural, impulsiva, cheia de humanidade, cheia de verdade.

Beatriz Costa continua falando. Conta-nos coisas da filmagem de «A Canção de Lisboa». Afirma a simpatia de José Gomes Ferreira, simpatia rápida, irresistível.

Fala-nos, depois, de Manuel de Oliveira.

— É um lindo rapaz, «doublé» de um excelente camarada. Fartamo-nos de brincar com êle. Sempre contente, sempre alegre. Simples, natural, física e moralmente sadio..... Vocês publicaram no «Movimento» dois retratos dêle, simplesmente maravilhosos.....

Falo-lhe do Chico Viana, da sua arte, da sua vasta galeria de retratos de Artistas: Rey Colaço, Maria Brandão, Constança Navarro, e tantos, tantos outros.

Digo-lhe do prazer que êste Artista — talvez, se não com certeza o maior do seu género no nosso país — teria em fazer-lhe algumas fotografias.

— Terei nisso muito prazer.....

E combina-se que Beatriz porá de parte a visita cerimoniosa que tencionava fazer-nos hoje «como aos jornais» — as palavras são dela, o grifo é meu — para nos visitar noutro dia mais à vontade, fazendo-o sem cerimônia e sem ser «por obrigação».

— Assim é melhor, de facto. Não irei para cumprir um dever de cortezia, mas para passar meia-hora agradavelmente, como camarada e como amiga.

Evidentemente, é melhor assim.....

O ensaio continua. O ruído surdo de ha pouco, monótono e lento como um batuque indígena é agora cortado de onde a onde por ruídos mais altos, mais vivos, como laivos luminosos de sangue numa planície nevoenta..... Faço a eterna interrogação:

— Cinema? Teatro?

— Adoro o cinema. No entanto o teatro, por mais emotivo, atrai-me como um pecado maravilhoso..... Compreende: no cinema trabalhamos na sombra, sem «frisson», sem os mil olhos do público ali, ao nosso lado, prontos a deixar-se levar por uma impressão de momento e a ser bárbaros ou misericordiosos. E é exactamente êsse perigo do teatro, êsse mêdo que tenho que me faz preferi-lo.....

Uma senhora não se contradiz. Mas intimamente, não acreditamos no mêdo que Beatriz diz ter do público. Pois ela então não sabe que o público lhe reserva um lugar que é dela, bem dela, e que ninguém lho tira? Ora, o público! O público, criança feito de crianças, agora bom, logo terrível, mas a quem a mocidade em flôr desta alegre rapariga tam perfeita e duramente grande, apaixona e encanta.....

DO LIVRO -FÁBRICA DE SONHOS- TRADUZ-SE UM CAPÍTULO

Estamos na terra dos negros. São uns caçadores maravilhosos! Estamos ao mesmo tempo na terra dos leões. Em torno dos operadores uma barricada de sarças: o *boma* e os negros armados de lanças. Mr. Hoefler pode estar tranqüilo quanto á vida dos seus colaboradores brancos. Começa a filmagem. Os leões comem um antilope. É interessante — evidentemente; mas pode chamar-se realmente a isto uma grande novidade? Que tem isto de extraordinário? Nada! Naturalmente, também, os leões rugem. Como possuem exactamente as vozes necessárias para o caso os aparelhos da «Western Electric» fazem maravilhas.

O negro tinha uma mulher horrível. Decerto tinha também um nome; mas a quem interessa como se chamam estes homens que andam nus? Mister Hoefler tinha-o contratado para transportar às costas o material e para disparar contra as feras. Quando Mister Hoefler o olhava, o negro batia os dentes com o susto; não tinha medo das feras, mas tinha-o do homem branco, súbdito dum grande país, dum país conhecido pelo seu humanitarismo: era um súbdito britânico. Em Londres vivia o magnânimo Mac Donald que protegia com igual cuidado todos os súbditos britânicos: brancos, amarelos e negros. Mas o negro desconhecia isto e sentia pelos brancos um terror supersticioso.

Do outro lado do *boma* os leões rugem. Instalam-se os aparelhos. Focam-se as objectivas. A luz parece satisfatória.

— Anda, corre!

O negro vacila. Estão ali os leões! Nunca se lançou contra as feras sem qualquer arma. A sua mulher é uma negra horrível, mas para ele é o ideal da beleza. O homem é negro mas apesar disso quer viver. O rosto contrai-se-lhe com o terror. E não corre...

— Anda, depressa!

Os leões são de temer, mas quanto mais temível não é o homem branco! O negro deita a correr. Dá volta ao *boma*. Já está ao lado das feras. Então o leão salta indolentemente sobre o homem. Esfarrapa-o com as garras; e em seguida põe-se a comê-lo com a mesma tranqüila simplicidade com que comera, momentos antes, o antilope.

Os operadores fotografam rapidamente e conseguem filmar todos os gestos e registar todos os sons: o rugido, o grito, os gemidos.

— Pobre indígena!

(Poremos: «A um dos carregadores da expedição sobrevem um acidente...»).

Não foi em vão que suportaram o calor e os mosquitos. Catorze meses de trabalho. Sessenta mil pés de película impressionada. Mas agora tudo se justifica. Pela primeira vez se verá no *écran* um leão devorando um homem vivo. E não haverá protestos nem de gregos nem de troianos, visto que o leão não devora um norte-americano mas simplesmente um negro.

Mister Hoefler sorri misteriosamente. Está de facto chorando uma negra das regiões de Uganda ou tudo isto não passa dum pesadêlo — sintoma da febre dos trópicos? Alguem murmura: truque... Um comparsa contratado de propósito... um leão de circo... Mister Hoefler sorri misteriosamente. Não é o mesmo, Uganda ou Hollywood, o sangue ou os dolars, a realidade ou o sonho? Uma coisa apenas existe: o Cinema, o *écran*, a segunda vida.

Mas, com certeza, a negra está chorando...

O Filme está pronto: um filme sensacional. Mister Harry Cohn entusiasmou-se.
«Um documento absolutamente autêntico! Impressionante! Instrutivo! Evocador! Ninguém
deixe de vê-lo! Êxito sem igual: A VOZ DA ÁFRICA!»

Os críticos mais severos comovem-se:

«Há neste filme uma cena de extraordinária potência: um leão faz 'um indígena em pedaços. A disposição da câmara não permite a existência de qualquer dúvida quanto à sorte do negro. Vê-se perfeitamente o leão desfazê-lo e ouvem-se nitidamente os gemidos. Estamos convencidos de que este filme agrada em cheio».

Com efeito o filme agrada a todo o mundo. A censura autoriza-o tanto para adultos como para crianças. Os estetas afirmam a sua extraordinária vantagem sobre os melodramas. Os partidários dos filmes científicos entusiasma-se com a precisão dos detalhes. Mister Hoefler é premiado com calorosos aplausos e fartas colunas de jornal. E Mister Harry Cohn também não se queixa da sorte: o filme projecta-se em Nova-York desas seis semanas seguidas, exhibe-se em todas as cidades da América do Norte e é comprado para toda a Europa. As acções da «Columbia Pictures» sobem rapidamente.

A VOZ DA ÁFRICA. O negro Jackson vai ao cinema. É um norte-americano em posse de todos os seus direitos mas sabe que a sua pátria é a África. Vai ouvir de que lhe fala a pátria.

Primeiro admira as girafas e as palmeiras. A África continua continua calada e nas cadeiras de orquestra esboçam-se protestos. O golpe de efeito foi reservado para o fim. Rugidos de leão... Gemidos. A voz do senhor compassivo: «Pobre indígena!» Os brancos riem; com efeito a cena é divertida... Que ricas unhas tinha o leão!... Ao lado de Jackson há negros que também riem. Nem pensam na remota África nem nas afrontas que lhes fazem. São felizes — deixaram-nos entrar no cinema e mostram-lhes filmes grandiosos; para negros como eles que usam casacos e colarinho posticho não existe qualquer leão temível. Riem alegremente. Então Jackson sem dizer palavra, levanta-se. Parte. Anda e torna a andar pelas ruas rectilíneas. As ruas estão marcadas com números. Os dias e os sentimentos, também. Que fazer? Pôr uma bomba no cinema? Enforcar-se em casa, no décimo quarto andar? Matar um branco? Fugir para as palmeiras e para os leões? Nos seus olhos arde um fogo seco de maldade. E não faz nada. É livre. Em Nova-York toda a gente é livre. Quando um homem comete um acto ilícito, prendem-no; uma vez preso Mister Robert Elliot, como engenheiro que sabe do seu officio experimenta a força da corrente eléctrica e o homem que praticou o acto ilícito deixa de existir.

A VOZ DA ÁFRICA passa a Londres e a Berlim. Êxito sem precedentes! Os espectadores olham, crispam-se de horror e depois sorriem.

O sumptuoso teatro da «U. F. A.». Na sala um negro. Está sentado entre os brancos; coisas da Europa! É estudante de Direito, e veio aqui descansar um pouco. Vê as girafas e as palmeiras. É interessante!

Subitamente grita:

— Isto é uma vergonha, uma vergonha para vocês, brancos!

Os visinhos olham-no assombrados. Porque se agita deste modo? Aqui não é uso as pessoas exteriorisarem as suas emoções. As pessoas de bom tom sorriem baixinho e engolem as lágrimas. Positivamente este negro endoideceu! E do alto ha quem faça cõro com êle.

— É vergonhoso!

Surgem os empregados do cinema que dizem cortezmente ao negro:

— Tenha a bondade de sair.

No dia seguinte os jornais falam do escândalo. O senhor Klitzsch zanga-se. Como! Pois não nos bastavam as tropelias do povo alemão! Que temos nós que vêr com os negros? Roubaram-nos as colónias...

Telegramas para Nova-York. Telegramas de Nova-York. Mister Harry Cohn é importunado com perguntas parvas. O quê? Escândalos em Londres? Êstes europeus sentimentais muito difíceis são de entender! Então têm pena do negro e não têm pena do antilope? Mas os leões também o comem...

Há pouco ainda, Mister Cohn vangloriava-se: tudo foi tomado do natural! Se o comeram mesmo? Pois está claro que sim!... Trata-se de um filme estritamente científico! Agora, Mister Cohn aconselha aos seus representantes: «Procurem livrar-se de apertos».

Os jornais recebem amistosas indicações: trata-se de um truque. O leão come apenas uma gazela. O resto é feito por sobreposição. Uma técnica moderna... Um segredo de fabrico.

Mas, quem se lembra de evocar um filme antigo?



Fotos de Luis Nunes, para
o «Bloco H. da Costa».

Siegfried Arno a contas com o
«bruta-montes» seu rival, Ar-
mando Machado.



Olly Gebaner, ou o contraste
da beleza cosmopolita com a
rude paisagem do Ribatejo.

EXORTAÇÃO À MOCIDADE

Esta exortação, a não ser o título, nada tem de comum com a que o sr. Dr. Carlos Malheiro Dias há anos fez publicar. Não se destina a acender, reacender ou avivar nos corações jovens o fogo do patriotismo — o que estaria deslocado numa revista de cinema e seria impossibilidade para quem confessa não compreender o sentimento patriótico dos seus patricios, que os leva, a propósito dum desafio de *foot-ball* com Espanha, a memorar Aljubarrota e Nun'Alvares e a apelar para o brio de portugueses daqueles que, afinal de contas, nêsse momento não passam (ou não deviam passar) de atletas.

O que vai lêr-se pretende ensinar, em meia dúzia de palavras a atitude a tomar e a manter pela mocidade perante o cinema; pretende conseguir que êle seja encarado a sério pelos novos, única maneira de o vermos estudado, compreendido e respeitado por todos.

Ê, pois, aos «cinéfilos» e não aos «portugueses» que me dirijo.

«Ano novo — vida nova».

E dizendo o calendário cinematográfico ser agora o início dum novo ano nas salas de cinema, não será inoportuno indicar aos seus freqüentadores a *vida nova* que se lhes impõe seguir.

Antes, porém, deixem-me frisar algumas atitudes que a orientação errada dos que se dizem amigos do cinema permitiu na época finda: — «Raparigas em Unjforme», um filme excepcional, não foi aplaudido, talvez por esquecimento; por indolência, ninguém procurou compreender «D. Quixote»; por preguiça, não se atentou na lição formidável de «O Homem que eu matei»; por comodismo, gostou-se de «Tarzan»; e assim por diante...

As paixões doentias e parvas pelas Marlênes e pelos Clarks continuaram a dominar os corações de quem, em casa ou na rua, não tem que fazer; a biografia de Clara Bow teve, como sempre inúmeros leitores; a ameaçada felicidade conjugal de Douglas e Mary impressionou vivamente milhares de cérebros e discutiram-se com extraordinário calor as razões dos vários divórcios que o juiz de Hollywood sentenciou.

Ora tudo isto — interesse por fitas más, indiferença pelas boas, paixões e bisbolhotice — teria muita gracinha se proviesse de crianças. Mas como índice da mentalidade duma geração maior de 18 anos, com responsabilidades enormes acarretadas, sobretudo, pelas conseqüências duma guerra estúpida e feroz, não tem mesmo graça nenhuma e é, antes, profundamente triste.

Ê, pois necessário que êste estado de coisas mude o mais rapidamente possível; que essa espécie humana vazia de miolos e impante de vaidade, que a leitura de certas revistas pseudo-cinematográficas criou e fez proliferar, desapareça completamente e para sempre; e é necessário também — isto honestamente proclamado numa publicação dedicada a cinema! — que a mocidade dos nossos dias tenha outras curiosidades *intellectuais* além daquelas muitas que a *arte* cinematográfica lhe pode excitar e que não são, de modo algum, as curiosidades inferiores que os artigos e as gravuras de publicidade a certo actor ou actriz lhe despertam.

Em resumo: é necessário, por um lado que a mocidade encare a sério o cinema, e por outro, que o cinema lhe não absorva, em monopólio, a atenção e a inteligência.

Dito isto, pouco mais é preciso acrescentar para ficar indicada a linha de conduta do cinéfilo inteligente. Bastará dizer que as mãos se fizeram, entre outras coisas, para aplaudir bons filmes, que o cérebro serve para os compreender e que a inteligência está mesmo a pedir que se desprezem palhaçadas. Além disso, a leitura de «Ça c'est du Cinema», de «L'Art Cinematographique», de «Panorama du Cinema», seria muito mais proveitosa de que a de certos folhetos com biografias de artistas e anedotas de estúdio, geralmente escritos sem ideias e sem gramática.

Convém ainda lembrar que quem paga tem direito a exigir que lhe apresentem o que mais deseja e portanto não seria disparate fazer notar aos alugadores e exibidores que a Rússia não deixou de produzir bons filmes, ainda desconhecidos do público português, a quem, por certo, interessariam.

Raparigas e rapazes:

Ao iniciar-se êste novo ano cinematográfico desejo ver-vos, todos, estudar Cinema para compreender Cinema; aplaudir o que merece aplausos e desprezar o que os não merece.

Desejo, enfim, que as obras d'Arte não passem no meio duma indiferença vergonhosa ou duma pateada mais vergonhosa ainda, e que a insuficiência e a mediocridade desapareçam por obra e graça dos vossos protestos.

Vamos a isso?

a l e x a n d r e s e r p a



D U A S
C Ê N A S
D E
«A CANÇÃO
D E L I S B O A»

O MARTÍRIO DAS VAMPS

Não venho falar dos pedidos de retratos, nem das cartas mais ou menos expansivas que chovem às centenas. Isso para as vampes (e para qualquer artista célebre no cinema) é uma prova indirecta da garantia do contrato, pois, geralmente, êsse montão de cartas é proporcional ao êxito financeiro da película. O pior martírio delas é outro; menos belo, menos sedutor, mas sem dúvida mais prático e mais terrível: a comida. Sim—a comida—porque tôda a artista de cine, como sabem, não pode banquetear-se a seu gôsto como qualquer outra pessoa.

O regime de alimentação é rigorosíssimo. A actriz está mesmo sujeita a determinada dieta e haja em vista o que sucedeu a Lily Damita: três mêses a alimentar-se com limonadas e batatas fritas, pois tinha de pesar 45 quilos para, em dada altura dum filme, ser raptada como se fôsse uma pluma.

Tem êsse rigorismo ainda por fim não deixar exceder o chamado pêso cinematográfico. Êsse pêso está assim discriminado:

Altura	Pêso normal	Pêso cinematográfico
1,50	52 ks.	44 ks.
1,53	53 >	48 >
1,55	54 >	49 >
1,58	56 >	50 >
1,60	57 >	53 >
1,63	58 >	54 >
1,65	60 >	56 >

O caso, pela leitura da tabela acima reproduzida, é muito sério. Sério e delicado. Não se trata, como à primeira vista se poderá supor, duma simples exigência sem tom nem som, quando muito posta em prática com o único intuito de apresentar linhas de formas impecáveis, standardizando, por assim dizer, a belêsa.

O pêso cinematográfico, se o organismo o suporta sem relutância de espécie alguma, só valoriza o funcionamento articular e respiratório do corpo humano, fortalecendo músculos e tonificando nervos. Demais, a cada sistema de alimentação corresponde uma série de exercícios ginásticos e prática de desportos.

Assim se consegue que as artistas realizem um trabalho árduo como é o do estúdio, conservando a melhor condição física, e, fora do estúdio conservem êsse ar lavado, êsse ar de boa disposição, característica bem marcante das *stars* americanas.

Todas as grandes vedetas são, durante os jantares, banquetes ou ceias, rigorosamente vigiadas por inspectores.

Para se chegar a êstes resultados insofismavelmente práticos e irrevogavelmente estabelecidos, necessário se torna ser metódica, prudente e parca nas refeições... mesmo à força.

Há momentos em que as artistas sofrem a verdadeira pena de Talião, mas a celebridade tem exigências de gran-senhora.

Umás desistem, outras, porém, amantes da arte que abraçaram, não olham a sacrificios de espécie alguma.

Conhecem o caso de Molly O'Day? Conta-se em duas palavras:

A First National tinha entre muitas estrêlas Molly O'Day. Mas um belo dia essa linda rapariga começou a engordar. As 125 libras de pêso obrigatório eclipsaram-se. Não houve dietas, exercícios, massagens, banhos que Molly O'Day não experimentasse para emagrecer. Tudo baldado. Despedida, como último recurso resolveu submeter-se a uma operação e conta-se que esteve durante hora e meia num hospital de S. Francisco a ser operada pelo Dr. Giffith. Mas depois da convalescença... tornou a engordar. Pobre Molly!

Todavia, esta história não tem a tragédia, o drama pungente da de Bárbara La Marr...

A história de Bárbara La Marr, também se conta em duas palavras:

Em pleno triunfo, apareceu-lhe um aumento progressivo de pêso e não houve, como para Molly O'Day, exercícios, banhos, regimes alimentares que tornassem o seu corpo elegante como tinha sido.

Bárbara La Marr era artista e vivia para a Arte. Não hesita e começa usando estupefacientes...

Em dois mêses, consegue diminuir dezassete quilos e meio. Seria outra vez a glória, seria outra vez o triunfo, se os alcaloides, emagrecendo-a, a não envelhecessem também.

E morre.

E aqui teem em meia dúzia de frases—como, entre as estrêlas de cinema, de longe em longe, o holocausto atinge o sublime, quando se sacrifica à própria arte a própria vida.

alexandre de medicis



Ó BEATRIZ, OLHA AS CALÇAS!

Esta coisa de vocês fazerem de mim jornalista ainda há-de acabar triste. Mas enfim, façamos um esforço. Vocês são bons rapazes, gosto da vossa terra, o «Movimento» é uma boa revista.... Vocês merecem portanto este martírio que vou sofrer durante meia hora. Mas deixá-lo! Não é bonito abusar assim da minha amizade e da minha simpatia por vocês que afinal, tirando o vosso director, sois para mim aquilo a que é uso chamar-se «uns ilustres desconhecidos» Mas vamos à confissão.

Já sabem como entrei para o cinema. Agora vou contar-lhes as minhas primeiras impressões diante do microfone.

Há, na «Canção de Lisboa», uma cena em que a Beatriz está a passar a ferro as calças do Vasco.

A certa altura põe-se a cantar e deixa queimar as calças. Eu que estou ao pé dela tenho que dizer-lhe:

— Olha que queimas as calças!

Pois não podem vocês calcular o que eu sofri para pronunciar estas cinco palavras.

ORA DIGAM LÁ SE A CORÁLIA NÃO É MESMO UM AMOR DE RAPARIGA...

Lembrava-me que tinha o microfone ao pé de mim — sabem que tinha medo daquele aparelho tão pequenino e tão inofensivo? — lembrava-me que tinha o microfone ao pé de mim e não havia meio de falar. Até chorava!

— Que é isso, pequena? dizia-me o realizador. Olha que isto não te faz mal....

— Não tenho nada, não tenho nada! dizia eu.

Mas continuava a chorar. Depois passou-me. E lá disse as palavras, e lá se filmou a cena.

Sabem porque chorava? Porque tinha medo que a minha voz ficasse mal.

E agora tenho saudades. Saudades dessas lágrimas, saudades de me levantar às 5 horas da manhã para ir para o estúdio, saudades daquela boa alegria, daquela boa camaradagem, saudades, enfim... Ao almoço, na cantina, o Vasco passava o tempo a atirar com tudo, dizendo sempre, com um ar muito sisudo que lhe ficava a matar:

— Tinha obrigação de vêr!

E como a gente não via, apanhava com os copos, guardanapos, bananas, tudo....

— Ó Beatriz, olha que queimas as calças!

E as calças todas queimadas....

A minha voz, afinal, ficou bem. E não sei dizer mais nada. Se não gostarem não publiquem. Sou, ou não sou vossa amiguinha?

c o r á l i a e s c o b a r



CANÇÃO DE ————— P E D R A

Estátuas!

— para quê?

.....Se são de pedra fria
E teem um coração
Que ninguém vê,
Nem sente.....

Dir-se-ia
(Oh! cansada ilusão!)
Que um vento de agonia
E de revolta
Passou indiferente
Pela gente
Gelando tudo à volta!....

Estátuas!
— para quê?

.....Às vezes,
Vivemos à mercê
De mil revezes
E ninguém crê;
Mas sempre um laivo de ternura
Ou um assômo de graça
À quem passa
Nos revela.....

Mas — ai! convivê-la,
A dura,
A estranha frialdade
Das estátuas de neve,
É rematada loucura
A que ninguém se atreve.

Solene,
Quem há-de,
Sem mentir à verdade,
Compreender-lhes o enigma?

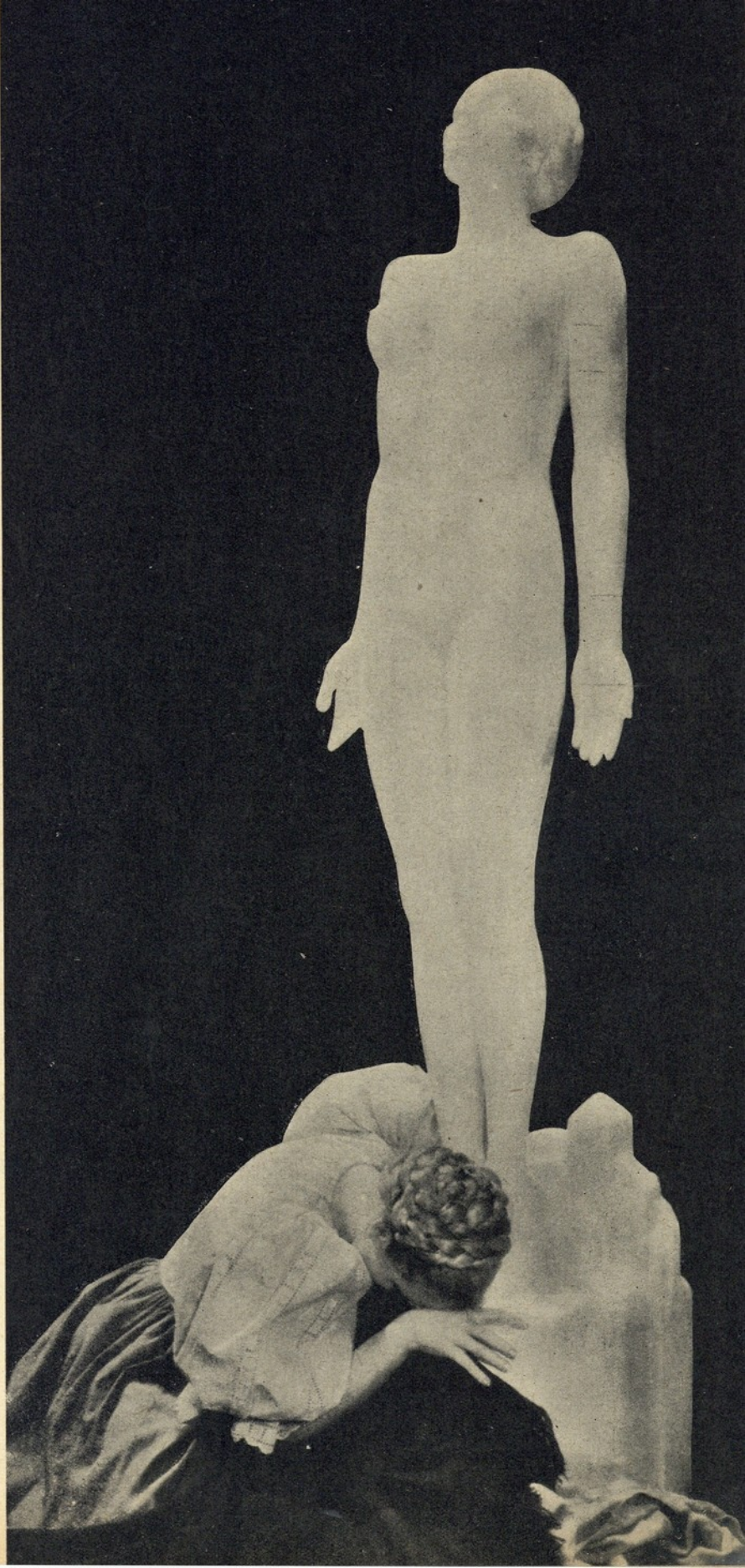
Não chores, pois, Marlène!

Se fôr preciso,
— Vê:
Bastará o estigma
Do teu gelado sorriso
Cortante, de vergasta.

De-resto, tem fé....
.....E basta!

Estátuas!
— para quê?

l u í s g u e d e s



O NOSSO NUMERO DE ANO NOVO

Aqui estão informes, novinhos em folha, sobre uma coisa mirabolante: o número de Ano Novo a que já nos referimos nos números 6 e 7.

O número constará de **cincoenta e duas páginas** com bastíssima prosa de todos os redactores e colaboradores do «Movimento» que, como aliás vocês têm tido ocasião de apreciar, são muito espertos e têm muitíssimo talento — não desfazendo, é claro! Será profusamente ilustrado com as mais catitas gravuras de vedetas, «vamps», galãs, e o mais que se verá....

Mas não é tudo: a posse desse número dará direito a variadíssimos prémios, nunca inferiores a cem, entre os quais podemos enumerar já os seguintes:

A tão justamente escolhida casa de alta costura de «Albano Ramos Pais & F.º» contribuirá com um elegantíssimo vestido para aquela das nossas gentis leitoras que seja mimoseada pela sorte.

A tão antiga e afamada «Casa Tomaz Cardoso», da Rua de Santa Catarina contribuirá também com um esplêndido sofá-cama, para as sextas reparadoras das fadigas deste mundo.

A «Casa Tinoco», representante de todos os bons perfumistas estrangeiros, acedeu gentilmente ao nosso pedido, oferecendo oito valiosíssimos prémios.

«A Turqueza», especializada em artigos de novidades e fantasia, colabora também nesta lista com vários brindes que aos nossos leitores e leitoras agradarão sobremaneira.

Nos números seguintes continuaremos esta opípara lista de prémios.

Este número extraordinário, impresso a variadíssimas cores, não será pôsto à venda avulsa. Aqueles dos nossos leitores que desejem possuí-lo terão apenas o trabalho de fazer inscrever o seu nome nas listas de inscrição que nesta data se enviam a tôdas as tabacarias e quiosques em que o «Movimento» habitualmente se encontra.

O número de Ano Novo custará **cinco escudos**, sendo porém distribuído aos nossos assinantes pelo mesmo preço dos números ordinários.

E por agora, eis tudo. Hein — quem é amiguinho?!

EDITORIAL MOVIMENTO

Como dissemos no número passado, sairá no corrente mês o primeiro «Caderno de Elucidação Cinematográfica». Com esta série de cadernos, que serão 6, inicia a nossa revista a actividade prática de uma nova secção, A EDITORIAL MOVIMENTO, provando mais uma vez a boa vontade e o esforço de todos nós, no sentido de libertar uma arte que deveria ser a mais livre e é, infeliz e injustamente a mais prêsa. Nas doze palestras que serão divididas por estes cadernos, nem haverá ciência de pacotilha, nem pretensiosismos académicos, fora de uso e sem razão de ser.

Haverá sim, a vontade firme de transmitir aos que desejem aprender, um pouco do quási nada que sabemos.

Esperamos o acolhimento que nos devem todos os cinéfilos que amam o cinema e a quem não interessa portanto saber quantas vezes a Norma Shearer corta o cabelo por mês, ou se o Clark Gable prefere as loiras, as morenas ou as ruivas. E temos a certeza de que nos não arrependemos dessa esperança.

O primeiro caderno, como já se disse, conterà:

Do nosso camarada Alves Costa — CINEMA PORTUGUÊS e do nosso camarada Fernando Barros A NOVA TEOLOGIA DA JUVENTUDE.

Os Cadernos de Elucidação Cinematográfica serão publicados no formato corrente de pequenos volumes de 32 páginas, com capa a cores, e vender-se-ão pelo preço de 3\$00.



Pelos vistos esta senhora não tem medo às constipações, e ainda bem. Nêste comêço de inverno enfadonho faz bem um panorama assim quente, primaveril, alegre e... evocador, não lhes parece?

VALA COMUM

«This Day and Age» é o título da última produção de Cecil B. de Mille. É curioso que, tratando-se de um filme com tendências moralisadoras, tudo nele parece uma clara aprovação aos métodos violentos e bárbaros da polícia americana ou dos nazis. Entre várias peripécias assiste-se à captura de um malfeitor por um grupo juvenil de estudantes, auto-armados em defensores da moral e da justiça. Apoz é o prisioneiro obrigado por meio da tortura a confessar o seu crime.

É profundamente lamentável constatar-se que dezenas de verdadeiros estudantes americanos se prestaram a colaborar numa obra de semelhante categoria. Que diabo, senhores lá da América! Sejam bandidos legais, visto que as suas leis o permitem, mas pensem em não contagiar ninguém.

Chamamos a atenção dos censores cinematográficos em Portugal para a hipótese de alguma casa distribuidora apresentar este filme ao seu beneplácito.

*

Damos neste número aos nossos leitores duas fotografias de «A Canção de Lisboa». Foram-nos gentilmente cedidas pelo nosso amigo e camarada Alberto Armando Pereira, a quem agradecemos, reconhecidamente, mais esta amabilidade.

*

O Boletim da «Agência de Informações da Imprensa Franceza» publica a propósito da nossa revista uma agradável apreciação. Pelo contraste com a amabilidade da nossa própria imprensa, não resistimos à tentação de a transcrever: «Publica-se no Pôrto uma nova revista cinematográfica intitulada «Movimento». Pela sua excelente apresentação gráfica, pela juventude das suas teorias e pela sua inteligente orientação, conquistou rapidamente o primeiro lugar entre as publicações especializadas de Portugal».

*

Pabst termina actualmente, nos estúdios de Epinay a realização de um filme que terá o título francês de «De haut em bas». O assunto aproxima-se do de «Grande Hotel» e «Hotel do Norte» e será a comparação da vida dos habitantes dos vários andares de um grande edifício.

*

O romance de Pierre Loti «Pescadores da Islândia» de que outrora J. de Baroncelli extraiu um filme, com Charles Vanel e Sandra Milavanoff nos primeiros papéis vai novamente ser transposto para o écran.

Pierre Guerlais encontra-se actualmente em Paimpol preparando as filmagens dos exteriores.

*

Num artigo publicado no número 4 de «Movimento» punha o nosso director a seguinte

interrogação: quem desempenhará o papel da Marquêsia Yorisaka, no filme «A Batalha» tirado do célebre romance de Claude Farrère?

Sabe-se já que esse papel será desempenhado por Annabella.

*

Na sua página de Cinema de 11 do corrente mês, diz o «Diário de Lisboa» com imenso espírito que os três melhores filmes da próxima temporada serão, enumerados pela sua ordem de valores: «Canção de Lisboa», «O Sinal da Cruz» e «Grande Hotel». Dessa espirituosa página transcrevemos uma legenda: «Três belos e magistrais planos de emoção humana, que são outras tantas cenas capitais da «Canção de Lisboa», do «Sinal da Cruz» e do «Grande Hotel», em que se colocam lado a lado, com direitos iguais de talento interpretativo, Vasco Santana, Beatriz Costa, Joan Crawford, Wallace Beery, Claudette Colbert e Frederic March».

Este «Diário de Lisboa» sempre tem coisas!...

*

Costuma o Salão Jardim da Trindade inserir nos seus programas uns saborosos bocadinhos de prosa, destinados, provavelmente a distrair durante os intervalos a triste solidão das senhoras cujos maridos são fumadores. Do programa distribuído na semana finda recortamos as primeiras frases:

«Harold Lloyd está fazendo uma fita por ano, quasi uma cada dois anos. Charlie Chaplin (Charlot) não produz mais do que um filme de três em três anos. Buster Keaton (Pamplinas) é o único dos antigos artistas cómicos que vem mantendo um nível regular de películas — e apenas Laurel e Hardy produzem com mais intensidade, mas esses apareceram muito mais recentemente — o que demonstra claramente que os filmes de Buster Keaton não cansam nunca, que a variedade dos seus processos e a renovação dos seus gags dão às películas de sua interpretação características suficientes para satisfazerem o público, que é quem as reclama e obriga os produtores a produzi-las.»

Falta-nos o espaço para tratar este assunto como deve ser, pelo que ele representa de: menos consideração por um público dotado de faculdades de apreciação, falta de consciência nas afirmações, ou crassa ignorância das coisas mais elementares da arte do cinema.

Então Charlot não passa de um cómico vulgar, como o Pamplinas, o Laurel ou o Hardy? Então o valor de um artista mede-se, tal qualmente como o valor de uma pereira ou de um batatal, pela quantidade da produção? Das duas, uma: ou o autor da prosa complicada e ensóssa que transcrevemos acima está convencido ser o público unicamente composto de imbecis, no que se engana perigosa e lamentavelmente, ou então é ele de tam abstrusa categoria intelectual que deve ser encarcerado a bem da hygiene pública.

Seja qual for a razão e seja quem for o autor da asneira, no próximo número lhe diremos duas coisas muito à pureza.



Fotos de Luiz Nunes
para o «Bloco H. da
Costa».

Estas fotografias de GADO
BRAVO são demasiado ex-
pressivas para lhes pôrmos
legendas.



CRÍTICA DE FILMES

Festas Felizes — Não sei porque é que o público português recebe com um ar tam grave estas farsas deliciosas, que só os americanos sabem fazer. Questão de temperamento, suponho eu. Mas o que é facto é que uma grande parte do público não lhe parecendo que aquilo «pode ser», não se deixa levar pela fantasia e pelo disparate bem imaginado deste género de filmes, não se convencendo que aquilo não pode ser mesmo, nem quer poder ser coisa nenhuma. E o mais engraçado é que esse mesmo público recebe, de braços abertos, o convencionalismo piegas de qualquer historietta de amor em que ha sempre uma menina ingénua que casa com um senhor muito rico, ou vice-versa...

Vem isto tudo a propósito do limitado sucesso de *Festas Felizes*. E, todavia, *Festas Felizes* é uma farsa cheia de movimento e de graça sãdia, repleta de «gags» excelentes e embelezada pela presença de um grupo de lindas raparigas sumariamente vestidas e que uma vez por outra interrompem a acção para executarem números de dança, sem dúvida magníficos, mas que não vão sem prejudicar a harmonia do conjunto, valha a verdade... Além disso, *Festas Felizes* tem ainda o mérito de nos apresentar Eddie Cantor, actor cómico de grandes qualidades e cuja «maneira» se apresenta um pouco à maneira de Harold e sobretudo à dos Marx (esse quarteto de cómicos geniais que o público português não soube compreender), sem todavia ficar a dever personalidade a quem quer que seja. E digo-vos francamente, eu gosto imenso deste género de filmes, ri-me bastante com *Festas Felizes* (felizes até no diálogo que é engraçadíssimo) e não regateio aplausos a Eddie Cantor, excelente artista que gostaria de voltar a ver em muito mais filmes.

Uma Rapariga ao Volante — O autor dramático Jacques Natanson pretendeu proibir o director de produções Jacques Natanson do uso desse nome e, por diversas vezes, em comunicados à imprensa clamou contra as possíveis confusões. Ultimamente o segundo Jacques Natanson pagou-lhe na mesma moeda declarando que «é bom frizar que ele nada tem que ver com o cenário, os diálogos e as canções de *Uma Rapariga ao Volante*, que são obra do seu homónimo Jacques Natanson, autor dramático»...

As pessoas inteligentes que viram esse filme não escapará o saboroso espirito dessa resposta. E na verdade difícil será encontrar uma história, uns diálogos e umas canções mais sensoronas que os de *Uma Rapariga ao Volante*. Juntando a isso a realização mediocre de Kurt Geron, que levou o filme aos encontrões (e parece que ele não é capaz de fazer melhor porque já *Estupefacientes* era muito irregular e falto de unidade), adicionando ainda a péssima actuação de Lisette Lauvin e a insipidez de Henry Garat, não fica nada que se aproveite a não ser a fotografia muito cuidada, de Rudy Maté, que estragou cêra com fraco defunto. Todo o resto é idiotice, ilustrada com os lugares-comuns do mau-gosto burguês.

Venus Loira — Eu já sei que alguns criticos e certamente também alguns dos meus prováveis leitores estremecerão ao ouvir-me dizer sem mais rodeios: *Venus Loira* é um mau filme.

Não faz mal. Procurarei convencer os segundos e justificar-me perante uns e outros, respeitando sagradamente as opiniões dos primeiros.

Há, em *Venus Loira*, um defeito básico: o argumento. E quando os argumentos são maus, raro é que os filmes o não sejam também, mesmo que saiam das mãos de um Sternberg...

A expressão de uma imagem animada, dizia Moussinac, «ganha muitissimo mais força se o seu valor plástico é realiado com um máximo de perfeição, se o ritmo que a anima ou no qual elle está compreendido é afixado por uma técnica aprofundada».

Mas de nada valem, uma técnica apurada e uma grande riqueza de expressão cinematográfica, se têm de se subjuar à mediocridade de um argumento convencional e vulgar.

Há, de resto em *Venus Loira* uma primeira metade muito à «maneira» de Sternberg, na suave descrição da anedota (descrição, aliás muito literária), na vagarosa e calma seqüência das cenas, fixadas em quadros de grande beleza, na criação de certos ambientes em que sempre este realisador deixa a sua «marca» inconfundível.

Mas, o porque Sternberg não conseguiu vencer a triste inferioridade do argumento, ou porque foi infeliz ao traduzi-lo em imagens, o caso é que *Venus Loira* aparece uma obra irregularissima e profundamente desconexa, sobretudo na aproximação do final.

Venus Loira pode mesmo dividir-se em duas partes: uma que vai até à partida do marido para a Europa e que é, sem dúvida, a mais aceitável; outra dai até final, inferiorissima. Do meio para o fim o filme cai pouco a pouco, já pela descrição filmica que nada tem de bom, já pela própria debilidade do argumento que não passa de um daqueles conflitos infantilmente complicados que só a mentalidade americana pôde admitir. Do meio para o fim a história que já não tem por onde se lhe pegue, é esticada, a pontos de reengatar por três vezes quando tudo fazia supôr que pararia ali. Não há nada mais «preparado» do que a queda da Venus Loira e a sua repentina ascensão. Ah! aquela «miséria «composta», «estilizada» em tudo, até no chapéu de palha convencionalissimamente esgarçado nas abas!...

Mas é que essa mulher que se prostitue por amor, que vem depois por orgulho até ao mais profundo *underworld* é a Dietrich, não se esqueçam... E tem de conservar, na dôr como na alegria, aquê! seu estranho «sex-appeal» que tanto influe nas bilheteiras e na digestão dos espectadores!

No entanto, é justo classificar bom o seu trabalho. Marlène, de resto, não tem necessidade de elogios. Só é pena vê-la dentro duma obra tão ôca!... É justo ainda citar a fotografia, que é muito boa.

Enfim... Sternberg é, sem dúvida, um grande realisador. *Escôrta Social* e *Docas de New-York* bastaram e de ha muito, para nos convencer do seu extraordinário poder creador e do seu invulgar saber. Mas dai até considerar como magníficos, e mesmo como bons, todos os seus filmes, vai uma distância enorme.

E se vocês querem saber qual foi a primeira frase que me ocorreu quando as últimas imagens de *Venus Loira* se apagaram no *écran*, ela ai vai: «Tant de bruit pour une omelette!...»

Esta secção foi abreviada por súbita doença do nosso camarada Alves Costa. Esperamos, no entanto, o seu restabelecimento a tempo de nos prestar o seu valioso auxilio já no próximo número.



«King-Kong», produção da R. K. O. que a S.I.C.E. distribue e o São-João exibirá ainda esta época destina-se, estamos certos, a constituir um dos maiores se não o maior sucesso da presente época cinematográfica.

Já nesta revista se deram alguns informes sobre este filme considerado unânimemente pela crítica estrangeira como uma obra prima de técnica.

A presente gravura, constituindo pelo seu equilíbrio impecável um quadro de rara beleza pictural, representa a porta da formidável barreira que os indigenas construíram contra King-Kong, o gorila dos tempos prè-históricos.

"ALFAMA" DO POETA

ANTÓNIO BOTTO

Com a presente referência à peça do poeta Antóio Botto, Alfama, inicia «Movimento» a sua secção de Crítica Literária. Referências serão feitas a tódas as obras de que nos sejam enviados, pelo autor ou editores, dots exemplares.

A leitura da peça com que o ilustre poeta sr. Antóio Botto se estreou recentemente como autor dramático sugere-me algumas ligeiras considerações.

Elas não teem a pretensão de constituir uma crítica. Em primeiro lugar porque, não tendo visto a peça representada, a minha impressão do seu valor teatral é necessariamente insuficiente. Em segundo lugar porque não sou — graças a Deus — o que usa chamar-se vulgarmente um «crítico», espécie parasitária tão daninha como inútil, personificada geralmente num sujeito que dá sentenças, com ares infinitamente profundos, sobre coisas que mal conhece e que em regra era incapaz de fazer melhor... De resto, espirito crítico, de observação e de análise é coisa que não abunda nestas terras férteis de imaginação e lirismo. A crítica em Portugal consiste em dizer bem ou em dizer mal, exagerando quasi sempre em ambos os sentidos, — de onde resulta em grande parte o inevitável aviltamento, a insistente mediocridade de quasi tóda a nossa produção literária contemporânea.

«Alfama» apresenta-nos um quadro interessante da vida popular, num dos seus aspectos mais curiosos e sugestivos. Se esse quadro é uma transposição feliz da vida real ou se há nêle muita influência da imaginação *poética* do autor, se aquelas personagens existem na verdade ou se foi o autor que as idealizou assim, atribuindo-lhes ideias, sentimentos e sobretudo expressões impróprias, por excesso de «literatura», em pessoas daquela camada social, se a acção possui lógica e verosimilhança ou se o autor a forçou para dela extrair determinados efeitos, são tudo isso aspectos que não me interessa aprofundar ou discutir. O que é inegável é que o sr. Antóio Botto nos surge com este seu primeiro trabalho como um dramaturgo de grandes qualidades, cujo desenvolvimento até completa maturação nos fica sendo permitido aguardar confiadamente.

Outra coisa não era, aliás, de esperar de quem, como o sr. Antóio Botto, conquistou, pelo seu inegável talento, um dos mais altos lugares entre os poetas portugueses dos nossos dias.

O conflito que o ilustre escritor pôs em cena é, na sua simplicidade, profundamente humano e actual.

Julia, rapariga de vinte e cinco anos, moireja de sol a sol, empregando-se nos mais árduos serviços domésticos para se sustentar a si e ao marido — um vadio, ébrio incorrigível, político idealista, cuja actividade se consome entre a taberna e o sindicato e que constantemente a maltrata. No martírio quotidiano duma vida sem horisonte nem finalidade, deixa-se estontear pelos olhares e promessas de Manoel, um marinheiro forte e insinuante, filho dos donos da casa onde vive e ao qual se abandona numa noite de Santo Antóio, depois duma cena violenta com o marido, numa situação que o sedutor hábilmente aproveita. No dia seguinte, Júlia pelas primeiras palavras que troca com o amante, compreende que, para este, aquela noite, que ela julgava marcar o inicio de uma nova existência, em que puzera toda a esperança, não fóra mais do que a satisfação total de um capricho efémero, que a posse aniquilara. Então, farta da vida conjugal, onde não encontrára senão brutalidade e miséria, e desiludida do amor, que não lhe proporcionára senão falsidade e desconforto, a pobre mulher, açoitada de mais a mais pela hostilidade do meio, abandona o lar (se é permitido chamar-lhe assim) e vai lançar-se no turbilhão da vida fácil...

É isto a peça nas suas linhas gerais. Não se pode negar que o assunto possui interesse dramático e não admira, portanto, que elle tenha prendido o espirito brilhante do sr. Antóio Botto. Note-se que o autor se limita a apresentar o quadro, a chaga social, sem o intuito de lhe indicar a terapêutica. Entende o sr. Antóio Botto que a missão do escritor é a de *mostrar* e *sugerir* e não propriamente a de *julgar* e *concluir*. Elle é simplesmente um artista e não um reformador. Merece registo esta attitude numa época em que os artistas se meteram à inglória tarefa de doutrinar o público, no ingénuo propósito de indireitar a sombra de vara torta...

Aponta-nos o sr. Antóio Botto alguns aspectos da vida popular dignos da nossa attenção. Um vadio, com a cabeça toldada pela embriaguez do vinho e das ideias revolucionárias mais perniciosas, pregando a necessidade de «implantar os estatutos da igualdade humanitária em todas as camadas» e de reformar a ordem social, sem se dar ao trabalho prévio, muito mais útil, de se reformar a si mesmo, e que escravisa a mulher, aviltando-a e quasi a impelindo às maiores baixezas; um sedutor vulgar, para quem o amor não é mais do que o perfume da flôr que se colhe e atira à lama da rua; uma rapariga do povo, com o espirito perturbado pela miragem do amor ideal, copiado dos romances baratos e, portanto, inadaptada ao meio em que vegeta, e para cuja situação não encontra outra saída que não seja a de descer ainda mais, prostituindo-se. É um quadro impressionante de miséria social — e bem andou o sr. Antóio Botto em o trazer para a luz da ribalta, exibindo-o diante da sociedade burguesa e dos reformadores pseudo-sociais, uns e outros incapazes de lhe darem o necessário remédio.

v a s c o r o d r i g u e s

ESTAÇÃO DE SERVIÇO

SALA DE ESPERA

Está aberta a nova temporada cinematográfica.

Dizendo-vos isto eu bem sei que não venho trazer-vos uma novidade... mas se falo na abertura da nova época é porque quero trilhar um pouco convôco, no desejo de evitar que este ano vos porteis tam mal para com o cinema como vos portasteis durante a temporada que findou.

Venho ralarhar convôco, sim senhores. E tenho tôda a razão a meu favor. Eu creio, sim, que nem todos mereçam ouvir as minhas reprimendas, aliás amáveis, como verão, mas todos devem, se amam verdadeiramente o Cinema-Arte, evitar que na temporada que agora se inicia, se repitam os factos bem tristes da temporada passada.

O Cinema precisa hoje, tanto como precisou ontem, da vossa ajuda e de toda a propaganda que possais fazer-lhe. Essa ajuda dá-se com a vossa presença nas salas que levem bons filmes e com a publicidade que dêsses filmes. Vocês podem e devem fazer entre as pessoas que vos rodeiam. Não vos queixeis de que os cinemas só levam bons filmes em percentagem muito diminuta. Só Vocês, que constituis o publico de que êsses cinemas vivem, podeis aumentar essa percentagem. E se Vocês não enchem os cinemas quando êstes levam bons filmes... os exhibidores deixarão de vez de os levar... porque — e isto é bem humano — não podem viver só de boas intenções... E preciso, pois, que se não repita o que aconteceu na época passada: encontrar os cinemas vazios quando exhibiram «Os Irmãos Karamazoff», «14 de Julho», «D. Quichote», «O Meu Campeão», etc... os melhores filmes da temporada, enfim.

De Vocês todos, e só de Vocês que gostam do bom cinema, depende a vitória do Cinema-Arte sobre o outro cinema, vulgar, comercial, embruteecedor...

Meditem nisto.

EXPEDIENTE

CAMÉLIA — Você tem mesmo carinho de quem é irmã da Lubélia... Até em gostar da Lilian Harvey são parecidas... Buster Keaton recebe correspondência na Metro-Goldwyn-Mayer, Culver City, Califórnia, U. S. A. Para que diabo quere Você saber a idade do Pamplinas? Isso é uma das tais perguntas que ficam mal a uma cinéfila inteligente. Palavra.

O REI DO RISO — Obrigadinho pelos seus elogios e pelos seus amáveis cumprimentos. Para essas trocas que deseja fazer, deve servir-se das colunas das revistas que menciona. Você compreende: eu tenho tam pouco espaço...

ALEXIS ROSANOFF — Mas meu caro senhor, não queira tudo duma vez só. Se Você tivesse feito uma assinatura, quem sabe se já lhe teria saído premiado algum dos cheques, arranjando assim, de «borla», um lugar à sua escolha, no cinema que preferisse e no dia que mais lhe apetecesse?... Medite nisto.

CINÉFILO DOS 4 COSTADOS — Respondo simultâneamente a duas cartas suas que aqui tenho. Na primeira dessas cartas Você pede-me dados biográficos sobre diversos artistas. Devo dizer-lhe que me é impossivel satisfazer os seus desejos porque não tenho es-

paço para lhe contar biografias. De resto, meu caro amigo, para admirar um artista, não é preciso conhecer as minúcias da sua vida... Passo pois a responder à outra carta. Não tencionamos publicar «Movimento» semanalmente. Não pensamos também em fazer nenhum número totalmente redigido pelos nossos leitores, mas é possivel que mais tarde nos lembremos disso. Você tem toda a razão no que diz na segunda parte da sua carta. É ao realizador que se deve quasi todo o valor dum filme. Os actores não passam de «elementos humanos» que o realizador maneja a seu bel prazer. Há excepções mas são raras e, geralmente, as interpretações são tanto melhores quanto mais forte é a influencia directiva do realizador.

Há filmes, sim, em que se usa e abusa da música e das canções, a ponto de muitas fitas não girarem à volta de uma ideia mas sim à volta duma cançoneta. Só não concordo com o que diz de Lilian Harvey. Olhe que é preciso ter muito talento, ser uma grande artista, para cantar o «Jamais je ne pourrai vivre loin de toi» de «A Imperatriz e Eu» com a graça, a naturalidade, a «maneira» com que Lilian Harvey o fez. Pode crer.

FRITZ SEIZ — Ei-lo! Seja bem aparecido! Já estava estranho que Você não apparecesse por aqui. Já não vou a tempo de lhe responder às suas perguntas. Como o correio é bastante e o espaço de que disponho é pouco, as respostas têm forçosamente de sair atrazadas. Você perdoará.

Contando o administrador e o secretário da redacção, somos actualmente dez, fora os colaboradores eventuais. Cá ficamos à espera dos tais brindezinhos. E obrigado.

ACILIO — Eu tenho para aqui tanta papelada e tenho tido tanto que fazer, que acabei por perder a tua carta... Mas como tu és amigo velho e assinante, eu suplico-te mil perdões e tenho o descaramento de te pedir que voltes a escrever-me o mais brevemente que possas. Valeu?

CINÉFILO CONQUISTADOR — Não gosto do seu pseudónimo... mas Você não leve isso a mal. É uma simples questão de gosto. Quando este numero sair, Beatriz Costa deve estar trabalhando no Teatro Sá da Bandeira, desta cidade. Escreva-lhe para lá ou para o Hotel da Batalha, onde ela se hospedará.

Deve responder-lhe. Tomarei em atenção o seu pedido. Vou ver se convenço algum dos meus camaradas a escrever um artigo sobre a Greta Garbo.

FRANCISCO B. NEVES — No numero anterior já foram publicadas todas as informações que desejava, a respeito dos «Cadernos de Elucidacção Cinematográfica». Estamos-lhe muito gratos pelas suas palavras amáveis.

AGÊSSE — Obrigado pelas suas manifestações de simpatia. Farei a comunicação que deseja... mas teria sido bom se me tivesse mandado o seu enderêço.

APARTADO N.º 13

AGÊSSE (Porto) — Deseja trocar correspondência sobre cinema e sport, com leitoras de «Movimento».

A M O K.

Uma curiosa cena do filme «Uma de nós» com Brigitte Helm e Gustav Diessl, exclusivo da Sonoro Filme, distribuido pela Companhia Cinematográfica de Portugal.



Êste suculento grupo de não menos suculentas raparigas, pertence ao filme «Oito raparigas num bote» exclusivo da Sonoro-Filme e distribuido também pela Companhia Cinematográfica de Portugal.





Agradecida pela escolha do seu nome para marca de uma notável qualidade de meias, Jeannette Mac Donald envia o seu retrato autografado à

RAINHA DAS MEIAS

Esquina das
Ruas
Santa Catarina e Formosa

PORTO

Para qualquer publicidade no São-João Cine

Dirigir-se aos Concessionários Exclusivos:

ARMANDO & ARMANDO

RUA ELISIO DE MELO, 28 — SALA 4 — PORTO

<p>TEATRO AVEIRENSE</p> <p>AVEIRO</p> <p>30 o/o NA MATINÉE DE 22 DE OUTUBRO — — DE 1933 — —</p>	<p>TEATRO AVEIRENSE</p> <p>AVEIRO</p> <p>30 o/o NA MATINÉE DE 29 DE OUTUBRO — — DE 1933 — —</p>	<p>TEATRO AVENIDA</p> <p>COIMBRA</p> <p>30 o/o NA MATINÉE DE 22 DE OUTUBRO — — DE 1933 — —</p>	<p>TEATRO AVENIDA</p> <p>COIMBRA</p> <p>30 o/o NA MATINÉE DE 29 DE OUTUBRO — — DE 1933 — —</p>	<p>TIVOLI</p> <p>COIMBRA</p> <p>30 o/o NA MATINÉE DE 22 DE OUTUBRO — — DE 1933 — —</p>
<p>TIVOLI</p> <p>COIMBRA</p> <p>30 o/o NA MATINÉE DE 29 DE OUTUBRO — — DE 1933 — —</p>	<p>SÃO JOÃO</p> <p>PORTO</p> <p>50 o/o NA MATINÉE DE 19 DE OUTUBRO — — DE 1933 — —</p> <p>2 ENTRADAS</p>	<p>SÃO JOÃO</p> <p>PORTO</p> <p>50 o/o NA MATINÉE DE 26 DE OUTUBRO — — DE 1933 — —</p> <p>2 ENTRADAS</p>	<p>8</p> <p>Movimento</p>	

movimento _____ número 8

quinzenário cinematográfico _____ 15 de Outubro

capa, comp. e imp. da _____ 1 9 3 3
tip. costa carregal _____
tr. passos manóel, 27 _____
p o r t o _____

propriedade de
armando e armando

assinaturas
6 números — 9\$00
12 números — 18\$00
avulso 1\$50

administrador e editor: armando barros _____
redacção e administração: rua elisio de melo, 28—sala 4—pôrto
este número foi visado pela comissão de censura

**O nosso número especial
de ANO NOVO será a côres,
terá 52 páginas e 100 prémios.**

Mas fique sabendo desde já:

**Se é assinante recebe-lo-à
pelo mesmo preço dos
números ordinários.**

**Se costuma comprar
avulso, inscreva-se na taba-
caria de onde é freguez.**

O número especial de ANO NOVO será apenas fornecido por inscrição.

**EDITORIAL
MOVIMENTO**



**PRIMEIRO
CADERNO
DE ELUCIDAÇÃO
CINEMATOGRAFICA**

**SAIRÁ A 30
DE OUTUBRO**
